

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, JORNALISMO E SERVIÇO SOCIAL  
CURSO DE JORNALISMO

Laís Stefani Gomes dos Santos Ferreira

**Entre céu, terra e si mesmo:  
fotografias dos moradores do Círculo Vivencial Terra Viva**

Produto

Mariana  
2018

Laís Stefani Gomes dos Santos Ferreira

**Entre céu, terra e si mesmo:  
fotografias dos moradores do Círculo Vivencial Terra Viva**

Trabalho apresentado ao curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em jornalismo.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Carolina Lima Santos.

Mariana

2018

F383e Ferreira , Laís Stefani Gomes dos Santos .  
Entre céu, terra e si mesmo [manuscrito]: fotografias dos moradores do  
Círculo Vivencial Terra Viva / Laís Stefani Gomes dos Santos Ferreira . - 2018.

46f.: il.: color; Imagens .

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. MSc<sup>a</sup>. Ana Carolina Lima Santos .

Monografia (Graduação). Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de  
Ciências Sociais Aplicadas. Departamento de Ciências Sociais, Jornalismo e  
Serviço Social.

1. Fotografia - Teses. 2. Documentário - Teses. 3. Ensaio - Teses. I. Santos  
, Ana Carolina Lima . II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU: 77

Laís Stefani Gomes dos Santos Ferreira

Curso de Jornalismo – UFOP

ENTRE CÉU, TERRA E SI MESMO:

FOTOGRAFIAS DOS MORADORES DO CÍRCULO VIVENCIAL TERRA VIVA

Trabalho apresentado ao Curso de Jornalismo do Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas (ICSA) da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, sob orientação da Profa. Dra. Ana Carolina Lima Santos.

Banca Examinadora:

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Ana Carolina Lima Santos

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Cláudio Rodrigues Coração

  
\_\_\_\_\_  
Mestranda. Raquel Paixão Rebouças Vilaça

Mariana, 07 de fevereiro de 2018.

## AGRADECIMENTOS

Muitas são as pessoas que merecem estar aqui em meus agradecimentos. E uma parcela deste trabalho devo aos amigos que me apoiaram nessa jornada, ouvindo, ajudando com o que podiam; ao meu namorado, que entendeu e aturou minhas frustrações, além de me dar suporte na parte de diagramação e impressão nesse trabalho; aos meus familiares, que estiveram sempre por perto e a tantas outras pessoas, que não sabem, mas que influenciaram de alguma maneira o desenvolvimento desse projeto.

Entretanto, assim como todo o trabalho foi baseado em três pilares (“céu”, “terra” e “si mesmo”) são exatamente três pessoas que eu gostaria de deixar todo o agradecimento em especial, sendo elas as mulheres mais corajosas e guerreiras que já conheci.

Assim como o “céu”, que significa a espiritualidade, agradeço e dedico todo esse trabalho à minha mãe Oxum, que me acalentou em minhas inúmeras orações e me ajudou a enfrentar os desafios.

Seguindo a “terra”, que significa trabalho para um bem comum, agradeço a minha orientadora, por ter acreditado na minha ideia, explorado comigo um caminho que ambas não sabíamos onde daria e por ter me ajudado nos momentos em que os desafios pareciam ser maiores do que eu.

E, enquanto “si mesmo”, eu jamais seria quem eu sou hoje, sem os esforços da minha mãe. Ela que sempre acreditou e confiou em mim, fez com que eu buscasse compreender quem eu sou, e quem eu ainda devo ser. Sem toda a sua luta nada disso poderia ter sido realizado e é a ela que dedico cada passo que dei tanto durante a graduação, quanto na minha vida pessoal.

Para finalizar, gostaria de agradecer do fundo do meu coração ao David, a Nathália e a Aline que abriram as portas de suas casas para me receber tão bem, como se eu estivesse em meu próprio lar. Muito obrigada por me deixarem adentrar e mostrar para outras pessoas suas vidas. Tenho certeza que a jornada de vocês é bem maior do que essa Terra, e que eu possa ainda estar ao lado de vocês para continuar a transformar de grão em grão esse mundo que vivemos hoje.

## RESUMO

“Entre céu, terra e si mesmo: fotografias dos moradores do Círculo Vivencial Terra Viva” propõe a reflexão sobre uma forma singular de se estar do mundo: aquela defendida pelos moradores da ecovila Círculo Vivencial Terra Viva. Por meio de um ensaio fotográfico construído com base nos preceitos “céu”, “terra” e “si mesmo”, ideais por eles defendidos, busca-se retratar a forma como cada um deles se relaciona consigo mesmo e com os seres vivos e inanimados que os cercam. Esse ensaio foi formatado como um fotolivro, em que cada morador conta com uma imagem, cada uma delas referente a um dos três preceitos. Neste memorial, por sua vez, busca-se refletir sobre todo o processo produtivo, situando-o como um fotodocumentário imaginário, em que se dá destaque ao modo como as imagens são criadas a partir da vivência da fotógrafa, que, assumindo seu olhar próprio, deu novos significados à realidade ali encontrada.

**Palavras-chave:** fotografia; fotodocumentário imaginário; ensaio fotográfico; fotolivro; ecovila.

## **ABSTRACT**

“Entre céu, terra e si mesmo: fotografias dos moradores do Círculo Vivencial Terra Viva” proposes a reflection about a singular form of being in the world: the one defended by those who live at the ecovillage named Círculo Vivencial Terra Viva. Through a photo essay based in the precepts of “sky”, “earth” and “yourself”, principles defended by them, this work seeks to portray how each one of them relates with themselves and the living and inanimate beings surrounding them. This photo essay was formatted as a photobook, in which each resident has an image, each one of them related with one of the three precepts. This report, on the other hand, searches to make some reflections about all the productive process, characterizing it as an imaginary documentary, which highlights how images were created based on the experience of the photographer, which, assuming her on view, gave new meanings to the reality founded there.

**Keywords:** photography; imaginary documentary; photo essay; photobook; ecovillage.

## SUMÁRIO

### **INTRODUÇÃO**04

#### **1. A FOTOGRAFIA E A DOCUMENTAÇÃO DO MUNDO**6

##### **1.1. O fotodocumentário imaginário na criação de subjetividades**7

##### **1.2. Da subjetividade do fotógrafo à múltipla tessitura de afetos**11

#### **2. ECOVILAS NA TRILHA ABERTA PELA CONTRACULTURA**13

##### **2.1. Círculo Vivencial Terra Viva**15

##### **2.2. Moradores**17

#### **3. DIÁRIO DE CAMPO**22

##### **3.1. Concepção e montagem do ensaio**31

##### **3.2. Edição e montagem do livro**35

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**40

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**42



## INTRODUÇÃO

A ideia para este trabalho surgiu de uma motivação pessoal. Já sabia da existência do movimento de algumas ecovilas no Brasil, mas não havia vivenciado nenhuma delas. Sendo assim, decidi conhecer, através da fotografia, esse estilo de vida e principalmente as pessoas que vivem assim. Descobri o Círculo Vivencial Terra Viva através da rede social Facebook. Como moradores fixos na ecovila viviam David Moises Alves, Nathália Azevedo Luvizaro e Aline Viturino da Silva. Logo entrei em contato com o David, seu fundador, que me respondeu prontamente aceitando que eu fosse até lá conhecê-los. A princípio minha única ideia era de fotografar seus cotidianos, mas ainda sem um norte a seguir. Após a primeira visita (figura 1), em que pude experimentar um pouco suas rotinas e ouvir a explicação dos moradores sobre seus preceitos, foi que o trabalho tomou uma forma.



Figura 1. Entrada da ecovila, fotografia de autoria própria.

Nessa primeira visita que David, Nathália e Aline me contaram que uma das formas que os ajudam a viver de maneira mais harmônica é provinda de preceitos de uma tribo indígena do oeste do Estados Unidos, chamada Lakotas. Um desses preceitos me chamou a atenção e, em função disso, foi escolhido para a produção do meu trabalho fotográfico: segundo os Lakotas, há sete pontos cardeais – além daqueles quatro pontos de referência mais aceitos (norte, sul, leste e oeste), há ainda o “céu”, a “terra” e o “si

mesmo”. Esses três pontos extras são por eles entendidos como orientações para estar no mundo. Quando se fala de “céu” eles aludem a uma relação de espiritualidade. Já a “terra” diz respeito ao enraizamento e ao trabalho para um bem comum. O “si mesmo”, por sua vez, tem a ver com a forma como uma pessoa se relaciona consigo mesma. O equilíbrio entre esses pontos torna-se, pois, fundamental.

Foi buscando o mesmo equilíbrio que estruturei a minha produção. A ideia que então surgiu era a de, com base desses três preceitos, criar um ensaio fotográfico que retratasse os três moradores da ecovila em suas cotidianos, a partir daquilo que eu compreendi que realizam para manter-se harmoniosos com o céu, com a terra e consigo mesmo. Essas fotos podem evidenciar suas rotinas, seus modos de agir com relação aos outros seres e à realidade como um todo. Juntas, montadas como um fotolivro, essas imagens compõe meu produto. O livro, composto por seis imagens dos moradores e uma do espaço da ecovila, conta ainda com um prefácio e com uma capa artesanal.

O memorial, por sua vez, apresenta três capítulos. No primeiro, debruça-se no conceito de fotodocumentário imaginário, que permeia o fazer fotográfico do ensaio. Sobre isso, ressalta-se a interferência do fotógrafo na elaboração de suas imagens, através de suas subjetividades e a importância que a criação de afetos entre o fotógrafo e o fotografado tem nas obras, já que cada um se desloca de seus locais de fala para tentar compreender o outro.

No segundo capítulo é abordada o surgimento das ecovilas, a partir do movimento contracultural e sua difusão no mundo. Há ainda um subitem que conta o surgimento e o modo de funcionamento do Círculo Vivencial Terra Viva e outro em que se apresenta mais detalhadamente a história de cada morador ali presente, como cada um chegou para viver no Círculo Vivencial Terra Viva e minhas impressões sobre cada um, a partir das três visitas feitas.

O terceiro e último capítulo, por fim, conta e reflete sobre todo o processo de produção do projeto, das visitas de campo à finalização do livro. Nesse capítulo é contado como foi o processo de conhecer a ecovila, além dos desafios enfrentados enquanto repórter fotográfica e como indivíduo. É neste capítulo também que há a reflexão sobre o ensaio fotográfico e a montagem deste ensaio no formato de livro.

## 1. A FOTOGRAFIA E A DOCUMENTAÇÃO DO MUNDO

Desde seu surgimento, a fotografia passou por uma série de mudanças tanto técnicas quanto conceituais. Em sua dimensão tecnológica, a fotografia percorreu um extenso caminho do daguerreótipo até o que é hoje, com a utilização das câmeras digitais. Em um primeiro momento, para poder capturar uma imagem era preciso um longo tempo de exposição e equipamentos grandes que impossibilitavam a mobilidade do fotógrafo e, conseqüentemente, limitavam a composição de suas obras. A imagem criada, que no daguerreótipo era única, passou a ser reproduzível já na fotografia analógica, com a adoção dos filmes, submetidos ao processo de revelação, em que um negativo era matriz para diversos positivos. Com o avanço da tecnologia, as câmeras agora apresentam modelos cada vez menores e mais baratos e, de natureza digital, as fotografias podem ter difusão imediata e potencialmente sem limites.

Adentrando no âmbito conceitual, as transformações também foram significativas. Em seu primeiro momento, a fotografia foi tratada como mera transposição do real, como um ‘lápiz da natureza’. Era como se o fotógrafo não interferisse com suas percepções e intenções no modo de representar determinados acontecimentos, indivíduos ou assuntos captados nas imagens. Segundo essa perspectiva, o fotógrafo não interferia na imagem, pois a máquina, ela por si só, conseguia reproduzir o real, automaticamente, sem a intervenção da mão humana. Como afirma Santos (2012, p. 1), “a fotografia foi considerada uma espécie de auto-revelação da própria natureza, sendo tomada como meio ideal para dar conta da realidade factual e assim exercer uma função de ‘documentação precisa’ do mundo – que lhe foi conferida como vocação natural”.

Ao longo dos anos, houve uma mudança na maneira de conceber a fotografia, como aponta a mesma autora. Tomou-se consciência de que, ao escolher um enquadramento ou uma composição diferente, o fotógrafo já mobiliza sua visão de mundo, conformando uma imagem que não pode ser percebida como puramente automática ou mecânica e que então se entende como subjetiva (LOMBARDI, 2008). Sendo assim, o propósito da produção documental não precisa mais se limitar a evidenciar a dimensão factual da realidade nas imagens, mas pode, sim, buscar tecer perspectivas (parciais, relativas) a partir das percepções individuais de cada fotógrafo. “Nesse sentido, as lembranças, as crenças, os valores e os interesses que compõem o

imaginário compartilhado pelo fotógrafo passam a ser agregados e francamente privilegiados.” (SANTOS, 2012, p. 3)

Ao assumir a experiência subjetiva do fotógrafo, essa nova forma de fotodocumentário não exclui a realidade do momento capturado, ele apenas a coloca em uma nova perspectiva. Desse modo, nota-se que não há uma total perda do caráter documental, mas há um redirecionamento (ROUILLÉ, 2009), marcada por uma exploração declaradamente subjetiva. Sendo assim, impulsionados por isso, os fotógrafos podem utilizar os recursos técnicos e expressivos da fotografia mais livremente, como a mudança de enquadramento, o desfoque, o aumento ou diminuição da velocidade, a sobreposição de imagens, entre outros. Assim, há “uma busca por novas linguagens, por novas formas de representação mais voltadas para a expressão da sociedade contemporânea em suas inúmeras complexidades” (LOMBARDI, 2008, p. 41-42). Nesse momento, o fotógrafo pode perder a preocupação de tentar ser imparcial e assumir em suas obras algo que é introspectivo. Muitas vezes é uma sensação do momento, de um instante inusitado que possivelmente só ele viu/sentiu e que, através desses recursos, foram traduzidos e materializados na imagem.

Entretanto, é importante destacar que essas impressões e introspecções que os levaram a tais subjetividades estavam apresentadas nas obras desde o princípio de qualquer fazer fotográfico, mesmo quando este era julgado como objetivo. Mas é só em um segundo momento que há a ruptura dessa ideia de imparcialidade, de janela aberta do mundo, o que torna viável que a criação, em sentido amplo, seja assumida na fotografia. E é com um gênero que se convencionou chamar de fotodocumentário imaginário que todas essas questões tornam-se explicitadas e incorporada nas obras (LOMBARDI, 2008).

### **1.1. O fotodocumentário imaginário na criação de subjetividades**

É possível compreender melhor essa atuação criadora e subjetiva do fotógrafo a partir do gênero fotodocumentário imaginário, que se fundamenta justamente na quebra da ideia da fotografia documental como mera replicação do mundo. Para apreender melhor o que é esse conceito, deve-se dividir as palavras que compõe o termo e entendê-las separadamente. A palavra “fotodocumentário” alude a uma sequência organizada (muitas vezes em forma de narrativa) de imagens capturadas por um ou

alguns fotógrafos para produzir sentido sobre certo tema. Por sua vez, “imaginário” costuma ser associada ao campo dos sonhos, entre o mundo sensível e espiritual, em que encontra-se também a criatividade e todas as suas subjetividades. Unindo as duas partes, tem-se que o documentário imaginário diz respeito à produção fotográfica que envolve mais abertamente uma criação do fotógrafo que a leve para além da referência direta às coisas do mundo (LOMBARDI, 2008). Nesse sentido, o imaginário pode apresentar alguns caminhos para os fotógrafos documentaristas, como explica Lombardi (2008, p. 72-73):

Em uma interpretação livre do conceito de Durand (2004), o imaginário orienta o trajeto antropológico do fotógrafo, que bebe de várias bacias semânticas em busca de armazenamento de dados para sua produção; em seguida, passa pelo escoamento, onde escolhe novas formas de trabalhar o conteúdo armazenado; organiza os rios, ordenando-os mentalmente; e daí estabelece o seu próprio lago de significados, deixando brotar seus desejos, angústias e aspirações antes de apertar o botão.

Para compreender mais satisfatoriamente esse conceito, observa-se algumas imagens da fotógrafa Claudia Andujar, cujo trabalho pode ser melhor entendido ao se incorporar a noção do fotodocumentário imaginário. Ela, que passa vinte anos convivendo com os índios Yanomami, consegue envolver-se no cotidiano dessa tribo, para assim colocar de forma única sua visão sobre os instantes vividos. Essa imersão na realidade dos Yanomami é uma das ‘bacias semânticas’ da qual bebe e que é adicionada às suas experiências prévias. Após fazer um ‘escoamento’ do que apreendeu passando tanto tempo com eles e do que já sentia e sabia do mundo, Claudia ‘organiza seus rios’, isto é, mobiliza tudo isso para o empregar em suas imagens, na escolha dos recortes diferentes, dos ângulos inusitados, das variações nas velocidades de obturação, entre outras escolhas técnicas e expressivas. Desse modo, ela expõe uma percepção subjetiva sobre aquela realidade indígena, mostrando ao espectador algo que é só daquele momento e do modo como ela o enxergou. Um instante que é apenas da própria Claudia, que brotou de seus desejos, angústias e aspirações.

Há, portanto, mais do que o real dado naquelas imagens. Há a construção de uma nova realidade, que ultrapassa o cotidiano da tribo “tal qual ele é”, objetivamente, para ser enriquecido pelas formas que Cláudia o apreendeu e que os espectadores também podem assim aprendê-lo. Apesar da impregnação de suas subjetividades,

Cláudia não excluiu o documental, ela apenas “propõe outras vias, aparentemente indiretas, de acesso às coisas, aos fatos, aos acontecimentos.” (ROUILLE, 2009, p.161)

Cláudia utiliza de recursos técnicos e plásticos para dar vida ao seu “lago de significados”. Na figura 2, a fotógrafa passa vaselina nas extremidades da lente, dando às bordas da imagem um efeito de desfoque, que confere uma dinamicidade à cena. Quando a autora toma a decisão de inserir algo na imagem que originalmente não pertencia ao mundo, como o desfocado produzido pela vaselina, ela sabe que está interferindo na cena e na interpretação que ela ganhará. Ela tem consciência de que não há problema nisso. É com a preocupação do instante fotografado, ou melhor, com a sua apreensão acerca do instante fotografado, que a autora também opta por capturar o momento em que o menino vira-se quase como de cabeça para baixo. Essa escolha é também pessoal, do modo como ela enxerga aquela realidade, na ideia de que ele faz parte e se integra à natureza – reforçado também pelo desfoque citado.



Figura 2. Fotografia de Cláudia Andujar.

Ao se debruçar sobre esses elementos que interferem na imagem tanto técnica como plasticamente, a fotógrafa proporciona aos espectadores a ampliação de novas interpretações. É através da abertura à subjetividade e da experimentação técnico-plástica que Cláudia consegue alcançar múltiplos sentidos. Um outro exemplo disso é a figura 3, de um projeto intitulado de “Sonhos”. Nele, Cláudia busca conferir às imagens um caráter onírico, de modo a traduzir sua experiência em um dos rituais com um pó

alucinógeno comumente utilizado pelos índios. Nessa fotografia em específico, ela busca a utilização da sobreposição de duas imagens, para que juntas formem uma terceira que estabelece uma relação de um outro tempo-espaco no campo dos sonhos, místico. Além disso, na hora de sobrepor as imagens, ela coloca o que parece ser uma espuma branca de tal forma posicionada que traz uma ideia de uma luz que vem dos céus ou de algum lugar mágico.



Figura 3. Fotografia de Cláudia Andujar.

A imagem sugere inúmeras interpretações. Uma delas pode ser de que aquele momento para ela foi, sim, cheio de encantamentos e mistérios. Como pode ser também um momento confuso e cheio de sensações. Tem-se, assim, uma abertura para que o espectador possa ressignificar a imagem, a partir de seu próprio ponto de vista. Nesse caso, assim como no anterior, inexistente, por parte da fotógrafa, a necessidade de as imagens retratarem fielmente a realidade ou de restringir suas leituras, pois Cláudia deixa-se “levar pelas suas sensações subjetivas e preocupando-se não apenas com o conteúdo informativo, mas, também, com a forma e a fruição estética de suas narrativas visuais” (MORAES, 2014, p. 81).

## 1.2. Da subjetividade do fotógrafo à múltipla tessitura de afetos

Inúmeros são os casos em que, ao analisar uma fotografia, debruça-se na genialidade do fotógrafo e exclui-se a participação do fotografado. De certo, como defendido até agora, o fotógrafo tem um papel muito importante na criação da imagem, nela investindo percepções e intenções. Entretanto, quando dá-se ao autor todos os méritos de um trabalho, é deixada de lado toda e qualquer interferência causada pelo “outro”: o fotografado. Sempre que existe, na prática da documentação, uma outra pessoa envolvida além do fotógrafo, deve-se considerar também o seu poder na conformação da imagem (BARTOLOMEU, 2008).

Há diversos trabalhos em que o fotógrafo é motivado pela busca pelo outro, dando a chance para que os sujeitos fotografados interfiram a partir de suas vivências no ato fotográfico. Nesse sentido, a imposição do olhar e dos sentimentos por parte do fotógrafo perde força e há uma troca mútua entre os dois pólos, fotógrafo e fotografados. Essa interação promove, assim, uma “constituição recíproca dos sujeitos, bem como dos significados produzidos ali” (BARTOLOMEU, 2008, p.18).

Cláudia Andujar, citada anteriormente, afeta e deixa-se afetar pelos índios Yanomani. A presença da fotógrafa, que de início causou estranheza em uma tribo que nunca havia visto uma mulher não-índia, é o que a faz ser capaz de passar a compreender as necessidades daquela tribo e, mais do que isso, de usar suas imagens, cheias de um repertório que adquiriu durante os vinte anos que passou com eles, para salientar as necessidades daqueles indivíduos, daquela realidade. A fotógrafa, ao buscar passar pelas mesmas experiências que a tribo passa, imergindo-se por completo, acaba por se descolar de um lugar só seu, para integrar-se às vivências da tribo. Um bom exemplo que mostra a afetação de Cláudia é quando ela faz uso do pó alucinógeno, que basicamente apenas os homens indígenas faziam, como uma forma de entender o que significava estar sob os efeitos dele. Obviamente, ela continuava sendo uma não-indígena, mas, por essas experiências, pode se aproximar mais da realidade do outro. Sendo assim, há tanto o deslocamento de Cláudia, quanto dos próprios índios em relação a ela. O encontro com outro tem de ser entendido como um lugar para fazer ambas as partes se deslocarem de seus lugares já pré-estabelecidos e com isso “nos obriga a aprender sobre o outro e sobre nós mesmos.” (BARTOLOMEU, 2008, p.22).

É por isso que, também em algumas vertentes do documentário imaginário, há uma necessidade constante de buscar compreender e se afetar pelo outro, para que os



encontros não criem apenas boas imagens, mas possam, de certa forma, tecer novos caminhos que efetivamente incrementem a percepção e olhar do fotógrafo sobre o outro, construído coletivamente. A partir dessa busca pelo outro que fotógrafo e fotografado partilham dos mesmos interesses e sentimentos, um interferindo na concepção do outro e, assim, passam a compor as subjetividades e novos repertórios juntos. É nesse momento que o fotógrafo que antes tinha a condição de único criador abre espaço para aquele que é visto afetar o andamento da obra. Desse modo, ambos trazem às obras os laços de afinidade criados durante o processo – e dão também aos espectadores uma maior possibilidade de enxergar aquilo que tanto o fotógrafo viu quanto a identidade transpassada do fotografado.

## 2. ECOVILAS NA TRILHA ABERTA PELA CONTRACULTURA

Após a Segunda Guerra Mundial, o mundo passou a viver um momento de polarização ideológica. Do lado ocidental estavam os Estados Unidos da América (EUA) liderando o capitalismo, com uma sociedade altamente voltada para o consumo; em contraposição ao que ocorria no lado oriental, em que a União Soviética (URSS) estava desenvolvendo um projeto de sociedade vinculado ao socialismo. Associado a isso, o mundo também vivia o começo de uma expansão tecnológica, propiciada pelos avanços bélicos empreendido durante as duas grandes guerras. No âmbito capitalista, o avanço tecnológico proporcionou às indústrias maior rapidez na produção e também ajudou na criação de novos produtos, levando, assim, ao consumo em demasia. Para além do medo de mais uma grande guerra entre as potências bélicas daquela época, os EUA ainda estava envolvido na Guerra do Vietnã e em outros conflitos na mesma região. Muitos estadunidenses não apoiavam a Guerra do Vietnã. Ou seja, era um tempo de transição e grandes mudanças.

Foi por insatisfação com todo esse contexto no país que, nos anos 1960, jovens estadunidenses deram origem ao movimento contracultural, que logo se difundiu por inúmeras partes do mundo. Por contracultura, denomina-se esse movimento ou conjunto de movimentos então formado, que se voltava contra o sistema vigente, contra os ideais e comportamentos da cultura dominante. Segundo Pereira (1992, p. 11-12),

A contracultura surgiu do confronto entre a cultura, reconhecida como doença, e a visão juvenil, cujo instinto natural é para a saúde. A audácia dessa visão não pode ser considerada mera precipitação ingênua, pois funda-se, antes, num desencanto radical — atingido por saturação, maturidade — com o mundo tal como o conhecemos.

A partir desse desencanto, o movimento contracultural pretendia trazer “novas maneiras de pensar, modos diferentes de encarar e de se relacionar com o mundo e com as pessoas. Enfim, um outro universo de significados e valores, com suas regras próprias” (PEREIRA, 1992, p. 5). Era o que propunha também o movimento hippie, um dos grandes movimentos que integrava a contracultura. Muito importantes para toda uma geração, os hippies são o grande símbolo do movimento contracultural. Eles acreditavam que a pacificidade poderia quebrar com o sistema capitalista e se concentravam em demonstrações de que só o amor poderia mudar para melhor a sociedade. Mais tarde ficariam conhecidos como a geração do ‘paz e amor’. Eles

também defendiam a liberdade sexual, buscavam cada vez mais a conexão com a natureza, eram contra um tipo de sociedade em que cada indivíduo estava voltado apenas para si mesmo e acreditavam no engajamento político como forma de transformação.

E, dentre os seus inúmeros ideais, os hippies também pretendiam difundir a vida comunitária. Nesse sentido, eles buscavam colocar um indivíduo, que na sociedade consumista e industrial estava voltado para si mesmo, em contato com pensamentos coletivos, que priorizem o bem comum a todos os sujeitos ali envolvidos – fim maior do ideal de comunidade, segundo Paiva (1998). Tornou-se comum, então, que sujeitos insatisfeitos com a sociedade vigente se juntassem com outras pessoas que tinham visões de mundo semelhantes a fim de constituir uma comunidade e nela criar suas próprias regras pessoais, sociais, culturais e econômicas (PEREIRA, 1992).

Foi nessa época que começam a surgir as primeiras comunidades intencionais (BELLEZE et al, 2017; PEREIRA, 1992). Para além dos EUA, elas se espalharam pelo mundo, chegando ao Brasil junto com o movimento contracultural em 1970. Essas comunidades intencionais foram chamadas assim justamente porque se formavam a partir da união deliberada de sujeitos que, por apresentarem ideias que iam ao encontro uns dos outros, visavam fundar espaços em que pudessem praticar suas convicções. Com o passar dos anos, algumas comunidades intencionais atingiram um alto grau de complexidade, sobretudo no que diz respeito aos princípios que defendem e realizam no âmbito da ecologia, como o investimento na permacultura – um sistema de planejamento que busca trazer equilíbrio entre o homem e a natureza através da construção de ambientes humanos sustentáveis e produtivos, sobretudo utilizando-se da agricultura, arquitetura e economia solidária. Por causa disso as comunidades que seguiram essa proposta receberam, em 1991, a denominação de ecovilas (ROYSEN, 2013).

As ecovilas, seguindo os fundamentos da contracultura, buscam uma retomada da essência do homem por meio da aproximação da natureza (BELLEZE et al, 2017). Nesse sentido, para seus moradores, é importante, além dessa retomada: conceber uma nova forma de se alimentar, que gere um baixo impacto ambiental, como através da produção orgânica de alimentos; encontrar outros meios de gestão, como autogestão, a partir das relações interpessoais de cooperatividade e intrapessoais; sustentar propostas econômicas inovadoras e tomada de decisão inclusiva (SANTOS JR, 2006).

Com essa complexificação e difusão das ecovilas, foi necessário a criação de órgãos que ajudassem no crescimento e desenvolvimento de todas elas, como é o caso da Global Ecovillage Network, rede criada em 1995, cuja função é criar pontes entre as comunidades a fim de que possam ajudar umas às outras, além de criar outros tipos de ligações, como com governos. É também o caso da Fellowship for Intentional Community que, além das ecovilas, incluem outras formas de comunidade intencional, como comunidade alternativas, coletivos, cohousing e coops – que, apesar de não colocar foco necessariamente em questões ecológicas, também buscam ideais de comunidade e conscientização, no meio urbano ou rural. No Brasil, há a Associação Brasileira de Comunidades Autossustentáveis, criada em 1978, que tenta catalogar todas as comunidades intencionais no país, além de promover eventos que buscam a interação e a troca de conhecimento entre as comunidades associadas.

Segundo o diretório online da Fellowship for Intentional Community, hoje há cerca de 2.717 comunidades registradas, sendo que, desse número, 463 se denominam como ecovilas. Dentre todas essas comunidades espalhadas pelo mundo, são 22 comunidades brasileiras registradas, o que faz do Brasil o nono país no ranking mundial com mais comunidades. O número, que parece ser baixo, diz respeito apenas às comunidades e ecovilas registradas nos órgãos internacionais. Estima-se que esse número seja maior e haja hoje mais 300 delas em todo o território nacional (MORÃO, 2016). Há ecovilas que preferem não fazer registro. A exigência de um regimento interno, necessário para o cadastro, é um dos fatores que faz com que algumas mantenham-se sem registro até hoje. É o caso do Círculo Vivencial Terra Viva. Segundo David, era importante fixar o espaço comunitário, focando na fundação primeiro para depois pensar em registrar a ecovila.

## **2.1. Círculo Vivencial Terra Viva**

Situada na parte rural do município paulista de Águas da Prata, na divisa de Minas Gerais com São Paulo, a ecovila Círculo Vivencial Terra Viva é uma comunidade fundada por David Moisés Alves em 2013. Antes de fundar a ecovila, ele residia na cidade de Brazópolis, no interior de Minas Gerais, em um sítio que comprou no ano de 2000 e chamou de Montanha. Lá David entrou em contato com a medicina natural, o xamanismo e bioconstrução, além de aprender ali a levar uma vida simples.

Segundo David, na Montanha ele não tinha contato com muitas outras pessoas e sentia vontade de compartilhar seus ensinamentos vivendo em coletividade. Anos mais tarde, foi até Águas da Prata para prestar um serviço em um hotel chamado Canto dos Xamãs, que propõe uma estadia mais perto da natureza, da espiritualidade. Sendo assim, David contou à dona do espaço, Cristina, sobre sua vontade de fundar uma ecovila e ela cedeu o espaço que hoje é o Círculo Vivencial Terra Viva. O terreno doado tem 14,2 hectares, com nascente e mata nativa.

Lá, inicialmente, não havia nada construído, a não ser uma estrada. Junto a um amigo chamado Antônio Neto, David começou a construir tudo do zero, partindo da captação de água. Antônio ou Toni, como era chamado por David, viveu durante dois anos no Círculo. A partir dessas primeiras intervenções, esses dois moradores e todos que vieram depois deram cara à ecovila como ela é hoje. Atualmente, a ecovila possui dois banheiros secos, uma sala, uma cozinha, um ateliê, um alojamento e também viveiros de mudas e espaços para montar as barracas, visto que ainda não possui casas de bioconstrução para os moradores (figura 4). Há ainda um espaço destinado para algumas das vivências, como a “Tenda do suor”.



Figura 4. Círculo que demarca o centro do terreno e, ao fundo, a cozinha, fotografia de autoria própria

Além de David, hoje vivem na ecovila Nathália Azevedo Luvizaro (sua companheira), Guilherme Quetzalcoatl Alves e Padma Azevedo Alves (filhos de David)

e Aline Viturino da Silva. Há também alguns visitantes regulares, como Wesley Silva e Cleber Ferez, que costumam passar temporadas maiores na comunidade mas ainda não são moradores fixos. Além destes, a ecovila abre o seu espaço para o programa de voluntariado, que consiste em abrigar pessoas que queiram transmitir e adquirir conhecimentos para melhorar e ajudar a ecovila. Todos eles encontraram no lugar uma chance de realizar desejos comuns, como o contato efetivo com a natureza, a experiência comunitária e, mais do que isso, o descobrimento de si mesmo.

Para que desfrutem da harmonia com a natureza, eles utilizam a bioconstrução para edificar seus espaços de convivência e empregam técnicas da permacultura. Eles também buscam formas de uma alimentação alternativa e vivências para o autoconhecimento (LUVIZARO, 2016). A ideia é que em alguns anos todos os alimentos que forem consumidos sejam de produção própria. Entretanto, isso não significa, para eles, uma recusa daquilo que vem de fora, mas diz respeito à vontade de autossuficiência que entendem como uma maneira de trazer menos impacto socioambiental. Enquanto não conseguem ser autossuficientes, utilizam alguns alimentos e produtos provindos da cidade. Para que consigam comprá-los, têm como renda a venda de alguns produtos produzidos por lá, mudas de plantas e também cobram um valor pelas vivências que costumam realizar na ecovila.

## 2.2. Moradores

- David Moises Alves

David foi desde o princípio o idealizador do projeto da ecovila. O desejo que ele tinha, de viver da e com a natureza, converteu-se em ação por conta de uma história familiar (figura 5). O avô de David, que como ele também gostaria de viver uma vida longe da cidade e pretendia fazer isso ao se aposentar, desistiu da ideia quando a idade chegou. Com medo que isso também lhe acontecesse, nos anos 2000 David comprou um sítio, que chamou de Montanha, e se mudou da zona urbana para lá. Aos poucos, surgiu o desejo de compartilhar com outras pessoas o que aprendeu nesse tempo vivendo no sítio, que pode ser concretizado quando ele ganhou um terreno maior, onde hoje é o Círculo Vivencial Terra Viva.

Em um primeiro momento, assim que conheci David, tive a impressão de ele ser um tanto autoritário. A todo momento ele tinha uma palavra sobre o que deveria se fazer e como fazer. Mas eu ainda não entendia isso como algo positivo, pois não percebia que, na verdade, aquilo era fruto de sua vontade de compartilhar ensinamentos daquilo que, como o mais velho do local, havia aprendido em sua experiência. Nesse primeiro momento, era eu que não estava aberta a aprender com ele tudo o que tinha a me acrescentar. Porém, com o passar dos dias, compreendi que ele é uma pessoa cheia de experiências e vivências que gosta de transmitir aos outros, algo que comecei a apreciar. Além disso, ele é muito preocupado com seu próprio lar. Ativo, estava sempre se movimentando, com várias coisas para fazer para o bem do lugar e das pessoas que ali estavam. Poucos foram os momentos em que vi David parar para descansar.



Figura 5. David cuidando do jardim, fotografia de autoria própria.

- Nathália Azevedo Luvizaro

Nathália é de uma cidade ao lado de Águas da Prata, chamada São João da Boa Vista. Ela conheceu o Círculo Vivencial Terra Viva através de atividades que eram desenvolvidas na ecovila. Após um ano indo em algumas vivências, tornou-se moradora fixa em 2015. Depois de um tempo morando na ecovila, ela e David passaram a ser uma família.

Na mesma época, Nathália se especializava em Terapia Ocupacional pela Universidade Internacional da Paz de São Paulo. E, já morando lá, fez seu trabalho de conclusão de curso no ano de 2016, intitulado “A experiência do Sagrado no cotidiano do Círculo Vivencial Terra Viva: o retorno ao essencial”. No artigo ela discute sobre o processo histórico e político das ecovilas, através de um diário de campo em que destaca “a iniciativa daquele grupo de viver em uma comunidade intencional e também suas relações com a natureza.” (LUVIZARO, 2016, p. 2)



Figura 6. Nathália aos oito meses de gravidez, fotografia de autoria própria.

Quando cheguei a ecovila pela primeira vez, Nathália estava grávida de oito meses (figura 6). Aos 28 anos, seria mãe do seu primeiro filho. Mesmo já perto do parto, Nathália se mostrava muito ativa e forte, realizando basicamente todas as funções que costumava desempenhar antes da gravidez. Tinha um banco em que se sentava para plantar, o que fazia após carregar, muitas vezes sozinha, mudas em um carrinho de mão. Ela também se encarregava do almoço. E, como é muito alta, toda hora precisava se abaixar para mexer no fogão a lenha. Carregava as panelas de barro pesadas com a comida. Fazia tudo isso sem nem demonstrar o menor esforço. Não foi só pela sua força física em meio a gravidez que Nathália me pareceu forte, foi também pelo seu jeito de falar, de transmitir as coisas. Mas sua força não é incompatível com um jeito carinhoso. Antes mesmo do nascimento do bebê, Nathália já me parecia ser mãe – como se fosse,



mesmo sem biologicamente o ser, mãe e ao mesmo tempo irmã mais velha da outra mulher da ecovila, a Aline. Depois que seu bebê, batizado como Padma, nasceu, Nathália ainda transmitia essa força. Mesmo estando mais concentrada nos cuidados do bebê, continuava sempre presente na rotina da ecovila, em especial caso alguém precisasse de um conselho ou quisesse conversar sobre alguma coisa.

- Aline Viturino da Silva

Aline morava em Diadema, em São Paulo, quando, em julho de 2015, ficou sabendo por uma rede social sobre o programa de voluntariado da ecovila. Interessada no projeto, de início resolveu passar três semanas na comunidade, depois começou a frequentar as vivências ali realizadas, até que, indo para lá com mais regularidade, tornou-se uma moradora fixa no mesmo ano.



Figura 7. Aline lavando o tacho para fazer a janta, fotografia autoria própria.

A pessoa com quem eu mais me identifiquei desde a primeira visita foi Aline. Talvez tenha sido por causa da idade, já que ela tem quase a mesma idade que eu, tem 24 anos. Por isso acabei me aproximando mais dela para conhecer a rotina e os espaços da ecovila, o que também criou, para mim, uma ponte com os outros moradores. Aline parecia se dar bem com todos os moradores. Com Nathália, eu sentia, que ela tinha uma

relação de mãe/irmã. Sempre dividia dúvidas, histórias e pedia conselhos para Nathália. E também ao mesmo tempo, Aline me parecia o ‘braço direito’ do David. Ele sempre confiava a ela algumas tarefas, pois parecia que ela as entendiam bem e sabia como realizá-las (figura 7). Aline também foi a pessoa que mais vezes vi sorrindo e levava sua risada contagiante pelos cantos da ecovila. Ao mesmo tempo que sorria, senti que havia muita seriedade no que dizia e ao realizar suas atividades diárias. Sempre estava em busca de conhecimento, sobre as coisas e sobre si mesma.

### 3. DIÁRIO DE CAMPO

No meu primeiro contato, via redes sociais, com o Círculo Vivencial Terra Viva falei a David que gostaria de realizar um ensaio fotográfico que registrasse a convivência dos moradores de uma ecovila. Prontamente, ele e os outros moradores aceitaram minha proposta e ficamos acertados de que eu iria fazer uma primeira visita ao local. Após estabelecer esse contato a ansiedade tomou conta de mim. Eu não conhecia nem a cidade e muito menos o Círculo Vivencial e seus habitantes. Não saber o que me esperava por lá era algo que estava me angustiando, pois não sabia o que eu iria fotografar e muito menos como. Fui, então, a campo sem qualquer ideia de projeto fotográfico.

Além do mais, como mulher viajando sozinha, precisei, desde o início, depositar minha confiança naquelas pessoas que conheceria na ecovila – e a confiança deveria ser dupla, já que eu também era desconhecida para eles, chegando para vivenciar e registrar fotograficamente a intimidade de cada um. Essa troca de confianças, como perceberia adiante, foi importante para constituir o trabalho que realizaria na ecovila.

#### ● 1º visita: 14 à 16 de abril de 2017

Minha primeira visita ao Círculo Vivencial Terra Viva se deu no feriado de Páscoa de 2017. A viagem foi bem longa e cheia de paradas, tornando-se bem cansativa. Ao todo eu percorri três cidades: saí de Ouro Preto para Belo Horizonte, de lá para Poços de Caldas e de Poços para Águas da Prata. Este trajeto durou mais ou menos nove horas. Quando finalmente cheguei em Águas da Prata, uma cidade de 7 mil habitantes, caminhei por mais meia hora em uma estrada de terra até finalmente chegar ao Círculo Vivencial Terra Viva.

Cheguei na Ecovila acompanhada pelo David, que me encontrou no caminho. Nathália e Aline estavam na cozinha tomando café. Eu cheguei bem cedo, por volta das sete horas da manhã, e todos já estavam bem ativos, pois eles iriam plantar naquele dia – como era fim do verão, o sol esquentava rápido e o calor não era muito bom para as mudas. Mesmo com a necessidade de plantar, eles não atropelavam seus afazeres. Se aquela era a hora de tomar café, se concentrariam naquilo.

Aproveitei o momento e durante o café me dediquei a fazer várias perguntas: “como foram para lá?”, “por quê?”, “como era se desligar do urbano e viver ali?”. Pacientemente cada um foi compondo as respostas.

Logo depois que a Aline me mostrou o local, ela foi trabalhar nas atividades que deveriam ser desenvolvidas naquele dia e eu senti que deveria ajudá-los, sendo assim a auxiliei em alguns afazeres. Esses momentos de tarefas, que realizei com eles já nos primeiros minutos da primeira visita e que repetiria ao longo de todo o processo, eram sempre importantes. Era não só uma oportunidade de conversar e conhecer mais sobre eles e o lugar, mas também uma forma de experienciar um pouco de suas rotinas.

Apesar disso, não foi fácil me engajar em algumas dessas atividades. Essa dificuldade inicial teve a ver com o deslocamento da realidade urbana para a rural, com sair de uma sociedade cheia de confortos para viver com o que muitas pessoas chamariam de “tão pouco”. E mesmo eu, que por minhas pesquisas prévias julgava já imaginar como seria a rotina de uma ecovila e de como era toda a dinâmica, me senti desconfortável. Tudo foi, de primeiro momento, muito árido, como trabalhar sob sol forte, conviver com mosquitos incessantes e tomar banho sempre gelado. Em certos momentos, ainda fui surpreendida por uma aranha no banho, uma cobra andando livremente pelo terreiro e um jacú rondando os espaços da cozinha, que são abertos, para pegar comida. Lembrar que dormiria sozinha em uma barraca, sem energia elétrica, também estava me deixando insegura (figura 8).



Figura 8. Barraca em que dormi, fotografia de autoria própria.

Mas o que mais me afetou foi o banheiro (figura 9). Nunca tinha parado para entender como funcionava um banheiro seco. Ele delimita os espaços em que cada necessidade fisiológica deve ser feita, para não atrapalhar o processo de adubagem. E, assim, cada ida ao banheiro era, para mim, uma aflição. Estava tão acostumada com os banheiros que são mais usuais nas casas na parte urbana, com aquela estrutura com a qual estava habituada desde criança, que ir em um banheiro sem portas, de frente para a vegetação e que tinha regras quanto a onde urinar e defecar me provocou um completo estranhamento, algo que foi somado ao desconforto causado pelo medo de prejudicar o processo do banheiro seco, que era tão importante para os moradores e para o lugar que me acolhia.



Figura 9. Dentro do banheiro seco, fotografia de autoria própria.

Esses primeiros acontecimentos e pensamentos me deixaram em estado de choque, ao ponto de pensar, mesmo que por um milésimo de segundo, em desistir do projeto. Entretanto, ao longo dos dias fui vivenciando experiências maravilhosas que poucas pessoas criadas exclusivamente na cidade tiveram oportunidade de vivenciar. No segundo dia, por exemplo, um pouco mais familiarizada com o ambiente, consegui interagir melhor com a dinâmica da ecovila e com os moradores. Consegui também participar mais ativamente da rotina deles e de alguns afazeres. Me engajei, assim, na

plantação que era o objetivo deles naqueles dias. E foi aí que tive minha primeira experiência com a chia. No dia anterior, assim que cheguei na ecovila, tinha achado que aquelas plantinhas com flores lilases eram pés de lavanda. Só no dia seguinte, quando os ajudei a plantar chia, descobri o que eram de verdade aquelas plantas com as quais eu nunca havia tido contato (figura 10). Nos próximos dias e nas viagens posteriores, ficaria impressionada com o quanto pode crescer umas mudinhas tão pequenas, que logo eu veria se tornarem pés tão grandes.



Figura 10. Pés de chia já crescidos, fotografia de autoria própria.

E só consegui ter essas experiências, mesmo que mínimas como conhecer um pé de chia, pelo fato de que nessa visita estava decidida a não fotografar – ou ao menos não aos moradores. Precisava, antes de fazer fotos para o projeto, viver um pouco como eles viviam, trabalhar junto com eles por um tempo, conhecer minimamente os processos e os preceitos da ecovila. Era uma fase de experimentação, que entendia ser fundamental para, a partir de minhas vivências, formatar um projeto fotográfico, em uma elaboração mais concreta e conceitual. Aos poucos fui também conseguindo me colocar no lugar deles e, assim, imergir naquela realidade, me deslocando de um lugar que era só meu para me encontrar com um lugar que era deles. Desse modo, consegui criar uma perspectiva que ultrapassou a barreira do desconhecido, para mesclar as duas realidades e trazer à tona uma nova e única vivência.

No terceiro e último dia, tirei fotos do lugar, não para serem utilizadas no trabalho, mas também como uma forma de conhecer melhor tudo aquilo. Foi também nesse dia que aconteceu algo que se tornaria fator primordial para que o trabalho chegasse onde chegou: o David, a Nathália e a Aline sentaram comigo para me explicar os preceitos que eles seguem no Círculo Vivencial Terra Viva. Neste momento várias ideias surgiram a respeito do que eu poderia usar como conceito-base para o meu projeto fotográfico. Mas, só mesmo depois que voltei para casa e estava distanciada de tudo que vivi lá, consegui perceber que uma das coisas que eles me falaram naquele dia seria meu ponto de partida no projeto: a ideia de que há sete pontos cardeais. Esta concepção, adotada pelos moradores da ecovila, vem de um tribo indígena chamada Lakotas. Para essa tribo não há apenas os pontos cardeais mais comuns que são norte, sul, leste e oeste. Além desses, há o “céu”, que é a representação do espiritual; a “terra”, que se refere ao enraizamento e ao trabalho, e o “si mesmo”, que é como uma pessoa se relaciona consigo mesma. Seriam nesses três elementos que passaria a basear meu trabalho fotográfico, o que norteou as outras duas visitas.

### ● 2º visita: 16 à 18 de junho de 2017

Mesmo já familiarizada com o caminho, com as pessoas e com a infraestrutura da ecovila, a segunda visita de novo me levou a me deparar com o inesperado. Como relatei anteriormente, na primeira, quando eu cheguei, todo mundo estava agitado tomando café, prontos para a plantação. Ao contrário, no primeiro dia da segunda visita, as pessoas ainda estavam dormindo. Nathália já havia dado a luz ao Padma e praticamente se dedicava com exclusividade a ele, ainda mais porque ele tinha muitas cólicas (figura 11). Por conta disso, e também pelo fato de que estávamos no inverno, eles passavam muito tempo dentro do alojamento reformado para ela e o bebê. Todo o ritmo da ecovila havia se transformado. Ou seja, era um novo mergulho nas experiências e com isso eu tive de entendê-las e me adaptar a elas. Mas esse processo, de novo, não foi tão fácil.



Figura 11. Padma recém-nascido, fotografia de autoria própria.

Talvez o que me atrapalhou foi o excesso de expectativas, pois, naquela visita, eu esperava que as pessoas estivessem mais ativas, para que pudesse fotografá-las segundo o conceito que havia delimitado da primeira para a segunda visita. Mas querer que elas agissem de maneira programada ou dirigida e fotografar aquilo que eu gostaria nunca foi a ideia do projeto. Se a proposta era entendê-los e representá-los em suas vidas, precisava estar aberta a essas mudanças, ainda que certos estereótipos ou pré-conceitos criados por mim as vezes me prendessem em idealizações equivocadas.

Sendo assim, esse enfrentamento me levou a outro. Enquanto que, na primeira visita eu estava ali para conhecer, ser conhecida e me adaptar, naquela visita minha função era fotografar os moradores. E me deparar com o que eu não esperava fez com que o processo fotográfico tivesse que tomar outros rumos. O que eu não conseguia compreender de imediato era que todas esses conflitos que surgiram faziam parte do processo de imersão do trabalho de campo. Afinal, o meu repertório de vida a todo momento iria se chocar com o deles e isso era natural, mais do que isso, era desejado, pois era a partir da convivência e daqueles impasses que eu iria criando um novo repertório e com isso novas formas de ver e fazer a fotografia. Entretanto até eu me adaptar novamente, tive alguns problemas comigo mesma.

Por exemplo, em vários momentos achava que estava incomodando os moradores com o meu fazer fotográfico e que estar com a câmera a todo momento



poderia acabar invadindo a privacidade deles, além de me impedir de contribuir nos trabalhos da ecovila. Nesse momento, descobri que havia uma linha tênue entre a Laís repórter fotográfica e a Laís que havia se tornado amiga daquelas pessoas e que ajudava na feitura das tarefas. Enquanto amiga, sentia que era errado não colaborar nos afazeres, quando tinha muitas coisas a serem feitas. Sentia-me mal por apenas fotografar enquanto todos estavam tão ocupados e sobrecarregados com os trabalhos. Me senti na obrigação de ir debulhar o monte de chia que tinha no terreiro, atividade aos quais eles se dedicavam nessa minha segunda visita. Já enquanto repórter fotográfica sentia que era necessário fotografar e ao não fazer isso eu perdia tempo e, sobretudo, momentos e oportunidades de capturar aquilo que estava vendo e vivenciando. A intenção não era fotografar os momentos mais espontâneos a partir da minha perspectiva?

Saber achar o equilíbrio entre a vontade de fazer meu trabalho e o meu enfrentamento dos limites éticos dele foi difícil. Isso não tinha a ver somente com a privação dos afazeres da ecovila. Como amiga-fotógrafa, muitas horas perdi de fazer fotos interessante por medo de ser invasiva, levando-me a explorar menos do que eu devia. Mas ao mesmo tempo, por causa desses dilemas, conseguir compreender que essas duas “Laíses” deveriam estar juntas, porque somente a Laís amiga conseguiria estar em todos os ambientes sem causar um estranhamento ou até mesmo uma inibição, para que assim a Laís fotógrafa pudesse registrar todos os instantes que eram parte do cotidiano deles. Ou seja, essas duas facetas que desenvolvi ali, amiga e fotógrafa, era interessante para que cada uma soubesse seu lugar. Mas eram apenas juntas que elas poderiam existir, pois se complementariam. Até achar esse ponto, não foi fácil e por isso, talvez as fotos dessa visita não tenham sido as melhores de todo o trabalho, mas, mais do que isso, o que ficou estabelecido a partir delas foi um processo de aprendizagem e que me ajudou na terceira visita.

### ● 3° visita: 22 e 23 de julho de 2017

De todas as visitas, esta foi a mais corrida e a mais produtiva. Isso se deu por uma especificidade: os dois dias em que fiquei lá eram dia de vivência, para comemorar o Dia Fora do Tempo. Os moradores do Círculo Vivencial seguem o Sincronário da Paz, uma forma maia de marcação do tempo que consiste em contá-lo baseando-se em treze ciclo lunares e dezoito dias por ano solar, em um total de trezentos e sessenta e quatro dias. Este dia que sobra, para contabilizar trezentos e sessenta e cinco dias, é

chamado de Dia Fora do Tempo. Para os que seguem o calendário gregoriano, o Dia Fora do Tempo é como se fosse a véspera do ano novo. Cinco dias antes de começar um novo ciclo, os moradores distanciam-se da rotina e abrem-se a receber as novas energias trazidas pelo fim de um ciclo e começo de outro. Tratava-se, sendo assim, de um período festivo. As vivências daqueles dias consistiam em atividades realizadas dentro da ecovila, não só com os moradores, mas também com pessoas de fora que queriam conhecer o lugar e aprender mais sobre os preceitos do local e sobre como é viver na ecovila, experimentando-os. A atividade principal daquele dia era o ritual do "Temazcal" ou "Tenda do Suor". Este ritual é realizado em uma tenda, que se parece com uma sauna. Os moradores e visitantes entram nela, que, durante o ritual, vai recebendo mais pedras quentes que emanam calor, inseridas em um buraco da tenda. Quanto mais pedras, maior é a purificação dos sujeitos que encontram-se lá dentro, ou seja, quanto mais conseguir ficar, por mais etapas de purificação a pessoa passará (figura 12). Entretanto, o objetivo não é que a pessoa fique o maior tempo possível, como em uma prova de resistência, mas, sim, que respeite seus limites e a partir disso se concentre na purificação que se realiza. Como esse ritual era muito importante para eles e era o momento em que mais expunham seus lados espirituais, percebi que era ideal para fazer as fotos do "céu".



Figura 12. Tenda do suor, fotografia de autoria própria.

Mas, antes de tudo isso, havia a preparação. Quando cheguei na ecovila Nathália, David e Aline já estavam bem agitados com os preparativos do ritual, que seria mais para o meio da tarde. E foi aproveitando essa agitação que consegui ir de um lado ao outro fotografando todos os momentos possíveis. De alguma forma, ficava claro naquele momento que, entre a segunda e essa visita, consegui me resolver melhor como fotógrafa. Cheguei lá com a ideia de que deveria tirar o máximo de fotos possíveis e que, mais do que registrar, eu deveria fotografar o que eu via e que só eu via. Dessa vez também estava mais aberta para lidar com o inesperado e, portanto, tudo pareceu ser mais fluido. Até mesmo as pessoas que não eram de lá e que eu ainda não conhecia pareciam não se importar com o fato de eu estar fotografando, nem mesmo na hora do ritual (figura 13 e 14). Todo mundo estava bastante envolvido com o momento, por isso a câmera não incomodava ninguém, principalmente a mim mesma. Em relação aos moradores, que me interessavam mais, minha relação com eles já estava tão natural, que consegui circular por todas as partes e conversar com todos sem achar que minha presença estava invadindo a privacidade deles.



Figura 13. David acendendo a fogueira para início do ritual, fotografia de autoria própria.



Figura 14. Inicialização do ritual da Tenda do suor, fotografia de autoria própria.

### 3.1. Concepção e montagem do ensaio

Quando se fala em “ensaio fotográfico” logo imagina-se que seja apenas uma sequência de fotos, ainda mais hoje em dia, que o termo tornou-se usual. Entretanto, o conceito de ensaio vai além de um simples conjunto de imagens reunidas. Para que seja um ensaio fotográfico, deve haver um tema ou conceito central que conecte todas as fotografias. Além disso, essas fotografias necessitam transmitir mensagens que levem o espectador a ter novas ideias, questionamentos, reflexões acerca do que está retratado ali, mesmo que em alguns casos essas mensagens possam ser abstratas (FIUZA; PARENTE, 2008). Por tudo isso, alguns autores acreditam que “é através do ensaio que o fotógrafo pode expressar com mais intensidade sua visão sobre determinado tema e é importante que se sinta a singularidade que a presença do ponto de vista do autor permite ao trabalho” (FIUZA; PARENTE, 2008, p. 171). Se soma-se a isso a ideia de fotodocumentário imaginário, anteriormente discutida, é possível entender que não há ensaio fotográfico sem vivência e atuação direta e ativa do fotógrafo.

A partir dessa definição de ensaio fotográfico foi que pude compreender melhor como deveria ser meu trabalho. Entretanto, dentro da proposta de registrar os moradores do Círculo Vivencial Terra Viva, o ensaio deveria apresentar um aspecto desses moradores que fosse mais específico, do que apenas seus cotidianos – aquilo que

pudesse constituir meu tema, meu conceito e minha mensagem. Sendo assim, como já mencionado, na primeira visita, ao entrar em contato com seus preceitos, suas convicções e regras, decidi que deveria ser algo mais subjetivo e que levasse o espectador a adentrar nos preceitos defendidos pelos moradores, mas pelo meu olhar, pelo meu ponto de vista de autora. Optei, assim, trazer três pilares dos ideais de David, Nathália e Aline: “céu”, “terra” e “si mesmo”.

Mas esses preceitos, sozinhos, não diziam nada. Faltava construir, para mim mesma, concepções sobre cada um deles e sobre como cada morador o expressava. Só assim poderia conceber como cada foto poderia ou deveria ser, para que elas juntas pudessem trazer o significado e funcionar na estrutura do todo pretendida.

Para o si, buscou-se construir fotos de cada um em algum momento contemplativo, em que estavam mais voltados para si próprios, sempre de acordo com aquilo que foi por mim percebido como característico deles. Por exemplo: o David, a meu ver, se encontra com seu “eu interior” quando ele transmite seus conhecimentos aos outros e, por isso, priorizei fotografá-lo enquanto falava (figura 15). A Nathália, que teve seu primeiro filho em 2017, me parece estar mais voltada a si quando dedica-se ao bebê (figura 16). E a Aline aparenta encontrar esse espaço de reflexão quando dedica-se à leitura (figura 17). Já para as imagens da terra escolhi dar visibilidade aos instantes em que eles estão trabalhando, construindo suas relações comunitárias, seja dentro dos ambientes coletivos ou mesmo ao ar livre. E, para as fotos do céu, por fim, foram captados os momentos em que eles purificam-se nos rituais feitos durante as vivências realizadas na ecovila (figuras 15, 16 e 17).

Apesar de ter conseguido as imagens do “céu”, ele foi a maior dificuldade do ensaio. Como eu representaria fotograficamente espiritualidade de cada um? Durante o ritual tentei capturar tudo o que eu entendia como espiritual, de acordo com minhas percepções do que é estar conectado com o outro plano. Durante todo o ritual tentei aproveitar ao máximo para fotografar tudo o que me tocava. Como o David guiava o momento, ele teve muitas fotos que representavam toda a sua dedicação aquele momento de purificação, o que também transformou-se em um desafio no momento da seleção. O maior desafio nesse dia foi conseguir capturar o momento da Nathália. Por causa do bebê e também ainda muito novo e também para registrar com seu celular alguns dos momentos do ritual, ela não participou de todas as etapas, ficando restrita apenas ao momento em que se preparava para entrar na tenda. Mesmo com os desafios,

que foram superados ao longo do processo, senti, depois do ritual, que aquele foi o momento que eu mais consegui me envolver com a vida deles e suas crenças.

Depois de escolhido os conceitos a serem trabalhos no ensaio fotográfico e depois de conseguir realizá-los de uma forma que julguei satisfatória, entendi que para compor os três preceitos (“céu”, “terra” e “si mesmo”), cada um deles deveria ser caracterizados por apenas uma imagem de cada morador. Isso porque, dividindo cada morador nessas três dimensões, uma de cada vez, poderia aludir a essa harmonia que era por eles buscada. Assim, cada morador apareceria separado, representados por um conjunto de três fotografias: primeiro àquela do seu “céu”, depois a da “terra” e, enfim, do “si mesmo”. Essa decisão acarretou em um outro desafio de edição e montagem: fazer com que cada uma das três fotos combinasse nos seus respectivos grupos. Por exemplo, todas as fotos de “céu” deveriam ter uma uniformidade, mas a foto do “céu” do David, também deveria conectar-se com sua foto de “terra” e de “si mesmo”. Para que isso acontecesse, em alguns casos tive de optar por fotos que não necessariamente eram minhas favoritas, mas que atendessem ao propósito do trabalho. Portanto, não foram escolhas fáceis. Ao longo das visitas fotos iam saindo, outras sendo acrescentadas, até chegar à seleção final (figuras 15, 16 e 17).



Figura 15. Imagens escolhidas para representar David – “céu”, “terra” e “si mesmo”, respectivamente, fotografias de autoria própria.



Figura 16. Imagens escolhidas para a representar Nathália – “céu”, “terra” e “si mesmo”, respectivamente, fotografias de autoria própria.

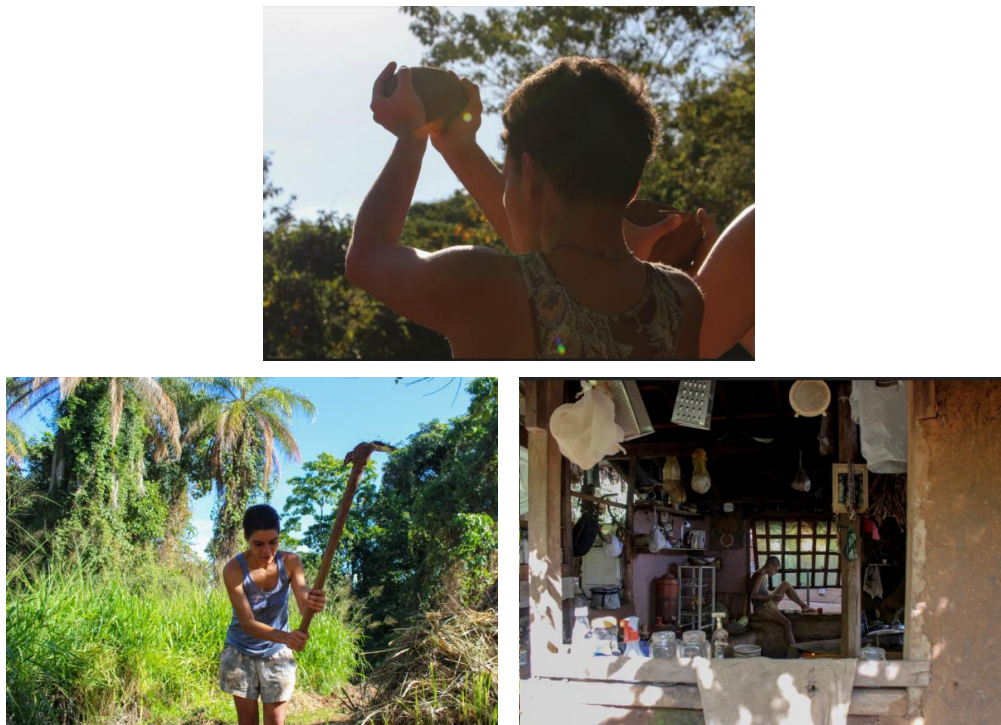


Figura 17. Imagens escolhidas para representar Aline – “céu”, “terra” e “si mesmo”, respectivamente, fotografias de autoria própria.

Outra decisão, tomada nesse momento, foi a ordem em que cada morador deveria aparecer. Optei por uma lógica cronológica: primeiro viria David, fundador e primeiro morador do lugar; em seguida a Nathália, que foi a segunda a se mudar para o Círculo Vivencial Terra Viva; e, por fim, a Aline, moradora com menos tempo de vivência na ecovila.

### **3.2. Edição e montagem do livro**

A ideia inicial era que o produto fosse uma instalação, que tocasse o espectador não apenas visualmente. Queria que ele pudesse andar em um espaço por mim criado para remeter à ecovila. Pensava em uma sala com elementos da natureza e em que ele pudesse ouvir os sons que normalmente são escutados na ecovila. Entretanto, uma coisa me incomodava nessa ideia: que retorno os moradores do Círculo Vivencial Terra Viva poderiam ter a partir de uma exposição a quilômetros de distância de onde eles moram? Parecia-me importante, acima de tudo, que o trabalho chegasse até eles. Foi aí que me ocorreu que o produto deveria ser um fotolivro. Desse modo, cada um dos moradores terá um pedaço do meu trabalho, algo para guardar: o seu próprio livro.

Com as imagens escolhidas e com a ordem pré-definida nos limites da edição e montagem do ensaio, o processo de produção do livro começou pela capa. Decidi que ela deveria ter algo de sensorial, construída a partir de elementos que me marcaram na ecovila. Para isso, criei um invólucro para o livro, feito com tecido de juta marrom, o que já adicionou textura. A escolha do marrom tem por intenção remeter a uma das cores predominantes na ecovila, já que ela marca as construções, feitas de barro. O tecido de juta teve que ser por mim tingido nessa cor, devido ao fato de não o encontrar nessa coloração. Além disso, ele foi costurado nas bordas, para segurar o livro. Como falei anteriormente nas primeira e segunda visitas, semente de chia foi algo que estava bem presente nos trabalhos realizados, então achei que seria importante trazê-la como parte desse meu desejo inicial de que o trabalho não fosse apenas visual. Coloquei algumas sementes nas margens inferiores e superiores do invólucro de tecido, criando um outro padrão adicional de textura. Além disso, ainda na intenção de ambientar e remeter à ecovila, dispus em círculo algumas folhas naturais, costurando-as e depois as colando no tecido de juta. O verde adicionado com essas folhas trouxe, igualmente, uma cor dominante na ecovila, com os diferentes tons de verde da vegetação. A ideia de as folhas serem dispostas em círculo se dá em razão dessa forma geométrica estar não



apenas no nome, mas em vários espaços da ecovila. Todas essas coisas juntas deram uma forma final à capa, que traz muito do local, como eu o percebi (figura 18).

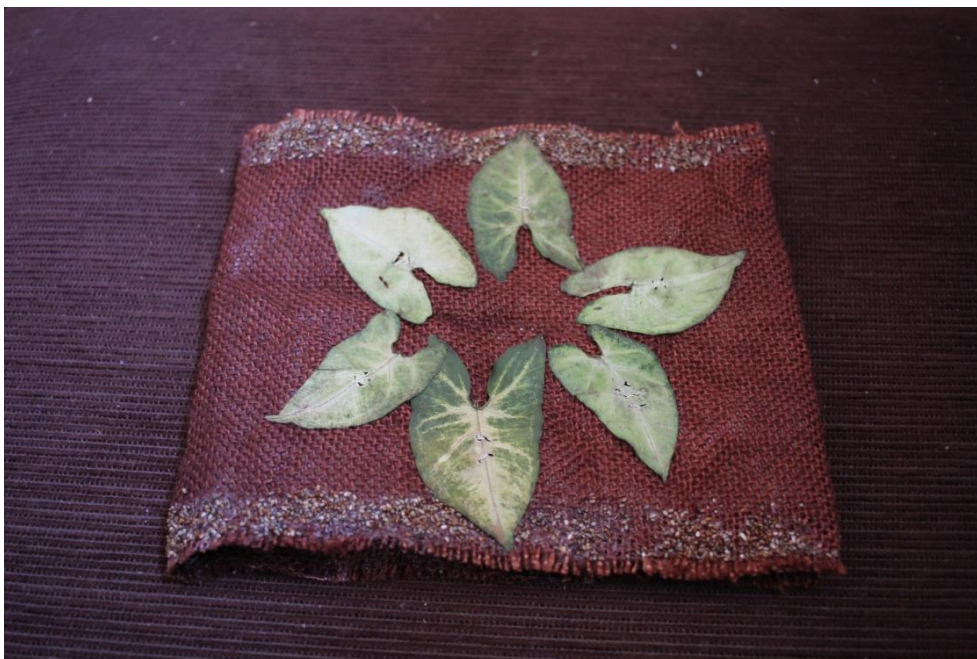


Figura 18. Capa feita à mão.

A próxima coisa a ser decidida foi se haveria alguma legenda ou texto verbal para as imagens. Segundo Parr e Badger (2004), as fotos dentro de um fotolivro podem ser parágrafos de um texto visual, desobrigando ou deixando em segundo plano a verbalidade. Como buscava explorar, com minhas fotos, a abertura de significados que cada pessoa que olhasse as fotos poderia ter, resolvi dispensar as legendas e trabalhar apenas com um prefácio. De resto, as fotos seriam os parágrafos do meu livro. Com isso, ainda que o trabalho busque trazer a minha visão, cada leitor pode apreendê-la segundo sua própria percepção, sem ser guiado ou ancorado pela verbalidade. É possível, portanto, que outros tenham outra visão do David, da Nathália e da Aline, bem como da ecovila como um todo, as vezes muito diferentes da que eu tive, as vezes parecida ou complementar. Em suma, preferi deixar as imagens mais ‘soltas’, em seus múltiplos significados e ressignificações possíveis. O único guia, de início, é o prefácio, em que se explica o trabalho e os conceitos empregados para a criação das imagens – de modo que o livro funciona independentemente da leitura deste memorial. Ele fala ainda dos moradores e da ecovila.

A diagramação, seguindo a mesma lógica, segue uma proposta minimalista. Ao virar a capa, é possível ver o título e a autoria do projeto, centralizados, em fonte

tipográfica Minister Std, que foi utilizada em todo o livro (figura 19). Além de ser uma fonte serifada, que facilita na fluidez da leitura dos elementos verbais, ela também foi escolhida por ser simples, não se sobressaindo em relação às fotos, que é o elemento principal. Na página seguinte, à direita, há uma foto de plano geral da ecovila; à esquerda, o prefácio (figura 20).

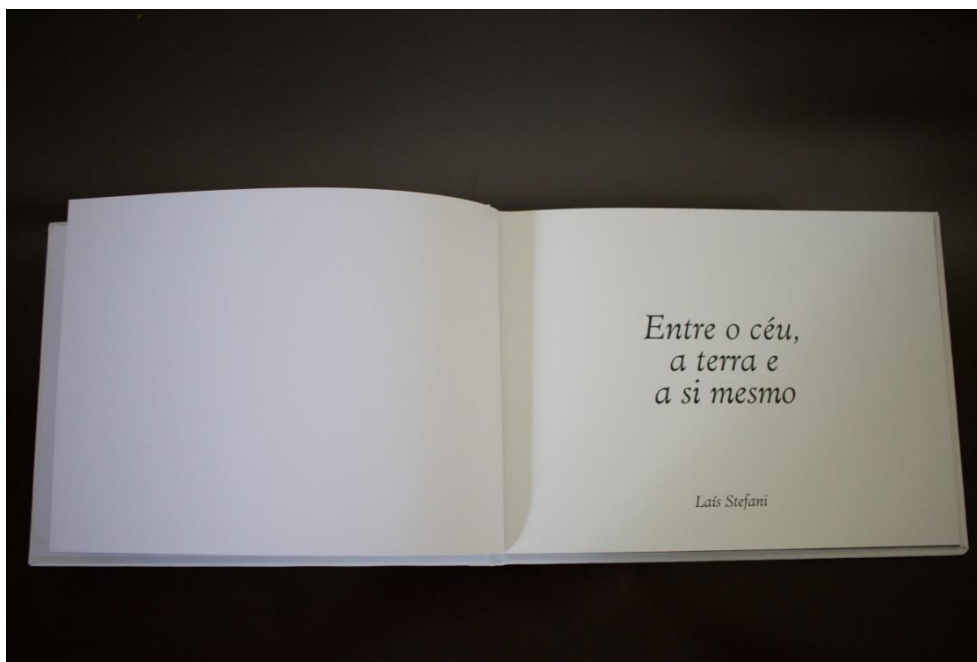


Figura 19. Título com a fonte minister std, fotografia de autoria própria.



Figura 20. Prefácio e foto caracterizando o ambiente, fotografia de autoria própria.

As próximas páginas são dedicadas aos moradores. Cada um deles tem uma seção própria que se inicia com seu nome, que aparece sempre na página da direita, também alinhado à direita (figura 21). Na sequência, estão as três fotos, respeitando a mesma ordem: “céu”, “terra” e “si mesmo”. As fotografias foram dispostas no livro em página inteira, dando maior destaque para elas e permitindo uma melhor visualização (figura 22).

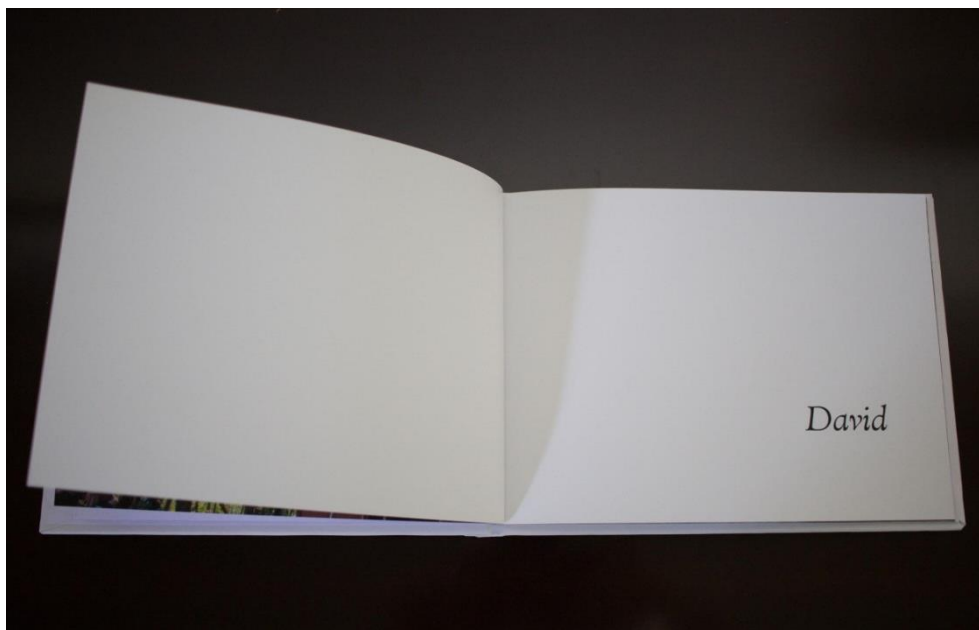


Figura 21. Primeira página antes das imagens, todos os moradores possuem páginas iguais, fotografia de autoria própria.

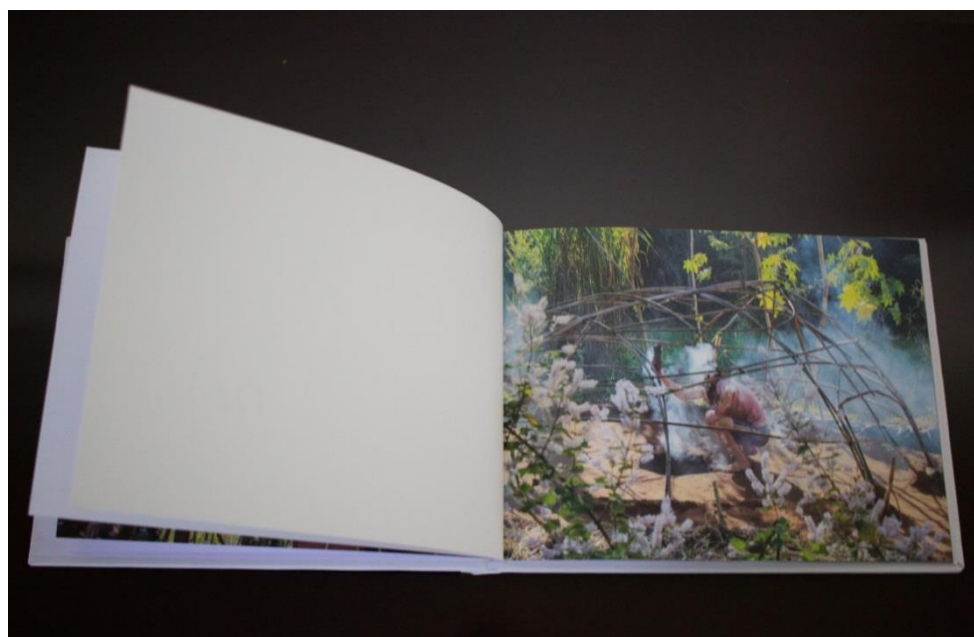


Figura 22. Primeira página com as imagens, todos os moradores possuem páginas iguais, fotografia de autoria própria.

No todo, o livro tem 25 páginas. Sua organização, da escolha das fotos e textos verbais à diagramação, foi pensada de modo a seguir aquilo que Parr e Badger entendem ser a regra de ouro do fotolivro: apresentar “intenção, lógica, clímax e perfeição” (PARR; BADGER, 2004, p.8).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desse projeto entrei em contato com outras áreas da fotografia, antes não tão exploradas por mim, como o fotodocumentário imaginário. Com as leituras feitas para o projeto, compreendi melhor o fazer fotográfico e também a importância de o fotógrafo mergulhar no repertório de vida do outro e também afetá-lo a partir de suas próprias vivências anteriores, para criarem juntos novas experiências que possam ser transmitidas, através das imagens.

Além disso, outro ponto muito importante de aprendizagem foi a interdisciplinariedade, que quase sempre um fotógrafo e um (foto)jornalista necessitam. Para compor o capítulo em que faço um breve panorama sobre as ecovilas, tive de me debruçar em temas ligados à geografia, à sociologia e também à história dos movimentos contraculturais. Muitas foram as leituras e os conhecimentos adquiridos.

Para além do âmbito mais teórico, consegui colocar em prática, através de técnicas fotográficas, os conceitos de fotodocumentário imaginário, que me ajudaram na construção das imagens. Pude aprimorar as técnicas de produção, como um todo. Através desse projeto, consegui também me encontrar como repórter fotográfica e saber os meus limites, sobretudo éticos, enfrentando-os como profissional. Ainda me dediquei a realizar os processos de montagem de um livro, desde a escolha do que viria em cada página até a finalização diagramação e a confecção manual da capa, passando pelo entendimento do universo das gráficas. Experimentei, pela primeira vez, o processo de editoração, em todas as suas fases.

Tudo isso foi de extrema importância não apenas para a realização do projeto, mas para a minha construção profissional e, complementarmente, como já mencionado, pessoal. Descobrir a sensação de viajar sozinha e experienciar outra opção para viver a não ser esta que estamos quase que condicionados me fez ter esperança que coisas boas no mundo ainda podem acontecer – e já estão acontecendo, em pequena escala. Portanto, cada etapa e foto do trabalho reflete o meu amadurecimento não apenas como repórter fotográfica, mas também como Laís, um indivíduo.

Ademais dos ganhos pessoais, acredito que este trabalho, na medida em que propõe dar visibilidade ao movimento de ecovilas no Brasil e principalmente ao do Círculo Vivencial Terra Viva, traz uma contribuição social, de mostrar às outras pessoas a beleza desse modo de vida, de evidenciar que há uma outra opção de vida que se opõe à esta individualista que costumeira e majoritariamente vivemos. Espero que cada

imagem e o trabalho como um todo possam afetar meus futuros leitores de diferentes formas. Talvez, por exemplo, diferentes pessoas que tomem contato com meu livro possam encontrar seus “céu”, “terra” e “si mesmo”, não importando quais sejam eles. Essa contribuição, que pode soar pequena, tem sim sua grandeza, pois, não precisamos apenas de grandes feitos para que o mundo comece a mudar, mas de pequenas atitudes, que nos movam para um bem maior.

Além das outras pessoas, espero que esse projeto possa afetar positivamente as pessoas que deram vida a ele: David, Nathália e Aline. Meu desejo, em relação a eles, é que, caso ainda não imaginem, possam ver e se dar conta da grandeza de suas atitudes e do quão belas são.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTOLOMEU, Anna Karina Castanheira. **De dentro da favela: o fotógrafo, a máquina e o outro em cena**. Tese (doutorado). Belo Horizonte: Universidade de Minas Gerais, 2008.

BELLEZE, Gabriela; BERNARDES, Marcos Eduardo Cordeiro; PIMENTA, Carlos Alberto Máximo; NUNES JÚNIOR, Paulo César. “Ecovilas brasileiras e indicadores de desenvolvimento sustentável do IBGE: uma análise comparativa”. In: **Ambiente & Sociedade**, v. 10, n. 1, 2017. Disponível em: [http://www.scielo.br/pdf/asoc/v20n1/pt\\_1809-4422-asoc-20-01-00223.pdf](http://www.scielo.br/pdf/asoc/v20n1/pt_1809-4422-asoc-20-01-00223.pdf). Acesso em 21 out. 2017.

LOMBARDI, Kátia Hallak. **Documentário imaginário: novas potencialidades na fotografia documental contemporânea**. Dissertação (Mestrado). Belo Horizonte: Universidade de Minas Gerais, 2007.

LOMBARDI, Kátia Hallak. “Documentário imaginário: reflexões sobre a fotografia documental contemporânea”. In: **Discursos Fotográficos**, v.4, n.4, 2008. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/1505/1251>. Acesso em 08 de jun. de 2017.

LUVIZARO, Nathália Azevedo. **A experiência do sagrado no cotidiano do Círculo Vivencial Terra Viva**. Artigo científico (Especialização). São Paulo: Universidade Internacional da Paz. São Paulo, 2016.

MORAES, Rafael Castanheira Pedroso de. “Rupturas na fotografia documental brasileira: Claudia Andujar e a poética do (in)visível”. In: **Discursos Fotográficos**, v.10, n.16, jan./jun. 2014. Disponível em: [http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursos\\_fotograficos/article/viewFile/17382/14590](http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursos_fotograficos/article/viewFile/17382/14590). Acesso em 31 de mai. de 2017.

MORÃO, Regina Célia Gonçalves. “Os modos de viver em comunidade e a busca de espacialidades perdidas: um estudo sobre as comunidades alternativas”. In: **Anais do Encontro Nacional de Geógrafos**. São Luís: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 2016. Disponível em: [http://www.eng2016.agb.org.br/resources/anais/7/1468179263\\_ARQUIVO\\_\\_OSMODOSDEVIDAEMCOMUNIDADEEABUSCADEESPACIALIDADESPERDIDAS-ReginaMorao.pdf](http://www.eng2016.agb.org.br/resources/anais/7/1468179263_ARQUIVO__OSMODOSDEVIDAEMCOMUNIDADEEABUSCADEESPACIALIDADESPERDIDAS-ReginaMorao.pdf). Acesso em 24 out. 2017.

PARR, Martin; BADGER, Gerry. “The photobook: between the novel and film”. In: **The photobook: a history**, vol. 1. London: Phaidon, 2004.

PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. **O que é contracultura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1992.

PEREIRA, Carolina Morgado. “Os jovens e a contracultura brasileira”. In: **Iara – Revista de Moda, Cultura e Arte**, v. 8, n. 2. São Paulo: Centro Universitário Senac, 2016. Disponível em: [http://www1.sp.senac.br/hotsites/blogs/revistaiara/wp-content/uploads/2016/03/61\\_Iara\\_artigo\\_revisado.pdf](http://www1.sp.senac.br/hotsites/blogs/revistaiara/wp-content/uploads/2016/03/61_Iara_artigo_revisado.pdf). Acesso em 24 out. 2017.

PAIVA, Raquel. **O espírito comum: a comunidade, mídia e globalismo**. Petrópolis: Vozes, 1998.

ROYSEN, Rebeca. **Ecovilas e a construção de uma cultura alternativa**. Dissertação (Mestrado). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2013. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-31072013-114650/pt-br.php>. Acesso em 21 de out. 2017.

ROUILLÉ, André. **A fotografia: entre documento e arte contemporânea**. São Paulo: Editora Senac, 2009.

SANTOS, Ana Carolina Lima. “O fotodocumentário para além da facticidade: o virtual como dimensão essencial da fotografia documental”. In: **Ícone**, v. 14, n 1, ago. 2012. Disponível em <http://revistaicone.hipermoderno.com.br/index.php/icone/article/view/191/163>. Acesso em 31 mai. 2017.

SANTOS JR, Severiano José. “Ecovilas e comunidades intencionais: ética e sustentabilidade no viver contemporâneo”. In: **Anais do III Encontro da ANPPAS**. Brasília: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade, 2006. Disponível em [http://www.recriarcomvoce.com.br/blog\\_recriar/ecovilas-e-comunidades-intencionais-etica-e-sustentabilidade-no-viver-contemporaneo](http://www.recriarcomvoce.com.br/blog_recriar/ecovilas-e-comunidades-intencionais-etica-e-sustentabilidade-no-viver-contemporaneo). Acesso em 24 out. 2017